

**Entre *fake news* e discurso de ódio: o Brasil na era da pós-verdade**

Julio Antonio Bonatti Santos\*

1

**Resumo**

Neste artigo, tentamos analisar o papel do uso de *fake news* nas eleições brasileiras de 2018 e durante o governo do presidente Jair Bolsonaro. Entendido como um método de construção da hegemonia política (CHOMSKY, 2003), buscaremos mostrar como o uso constante de notícias falsas cria um clima de supressão factual e estabelece uma nova posição discursiva para as definições do que é verdadeiro ou falso (D'ANCONA, 2018). Partimos da hipótese de que o uso massivo de *fake news* seria a característica de uma era da pós-verdade: onde a materialidade dos fatos é repelida pela crença popular em outros fatores que conferem status de verdade aos discursos. É neste contexto que a expressão "*fake news*" se torna evidente: ela é constitutiva da deturpação da realidade para fins não apenas de desinformação, mas acima de tudo de propaganda (JACK, 2017). Vemos, atualmente, com o uso de notícias falsas por grupos autoritários, como se recrudescer o apelo às crenças pessoais, especialmente aos valores tradicionais e ao discurso do ódio (WALDRON, 2010). Os apoiadores de Bolsonaro nas redes sociais, assim como os próprios pronunciamentos do presidente, frequentemente demonstram uma clara perseguição a seus oponentes, principalmente através da divulgação de informações falsas ou imprecisas para combatê-los. Com isso, traremos aqui algumas declarações exemplares que circularam amplamente durante a campanha presidencial de 2018 no Brasil e durante o governo Bolsonaro, principalmente durante o período mais crítico da pandemia da COVID-19, para ilustrar como seus seguidores, assim como ele próprio, usaram de *fake news* como método constitutivo de seus discursos, incitando um discurso de ódio e constante perseguição a seus opositores políticos, configurando uma prática geralmente típica de concepções antidemocráticas.

**Palavras-chave:** Fake news; Pós-verdade; Discurso de ódio; Jair Bolsonaro; Brasil.

**Abstract**

In this article, we try to analyze the role of the use of fake news in the elections and during the government of Brazilian President Jair Bolsonaro, understood as a method of building political hegemony (CHOMSKY, 2003). We will seek to show how the constant use of fake news creates an atmosphere of factual suppression and establishes a new discursive position for truth (D'ANCONA, 2018) in the post-truth era: where the materiality of facts is suppressed by the popular belief in other factors that confer truth status to discourses such. It is in this context that the term "fake news" becomes evident: it is constitutive of the misrepresentation of reality for purposes not only of disinformation, but above all of propaganda (JACK, 2017). We see today, with the use of fake news by authoritarian groups, an appeal to personal beliefs, especially traditional values and hate speech (WALDRON, 2010). Bolsonaro's supporters on social media, as well as the president's own pronouncements, often demonstrate a clear persecution of his opponents, mainly by spreading false or inaccurate information to combat them. With this, we will bring here some exemplary statements that circulated widely during the 2018 presidential campaign in Brazil and during the Bolsonaro government, especially during the most critical period of the COVID-19 pandemic, to illustrate how his followers, as well as himself, use fake news as a

---

\* Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos, doutorando em Ciências Sociais - Universidad de Valência (Espanha).

constitutive method of their discourses, inciting a hate speech and constant persecution of their political opponents, configuring a practice generally typical of antidemocratic conceptions.

**Keywords:** Fake news; Post-truth; Hate speech; Jair Bolsonaro; Brazil.

## Introdução

A cultura política no século XXI enfrenta o dilema das redes sociais. Até não muito tempo atrás, a opinião pública era formada em grande parte por influência da mídia impressa, radiofônica ou televisiva. Hoje, todavia, as notícias circulam muito mais por uma nova materialidade, garantindo produção de conteúdo de forma independente, com informações veiculadas por mecanismos de comunicação cada vez mais particularizados e direcionados a determinados públicos e gostos.

Essa é a realidade da internet e de seu paroxismo nas redes sociais. O contato com as notícias por quem acessa essas redes em busca de informação, se reduz ao consumo de conteúdos cada vez mais individualizados. Não obstante os inegáveis avanços trazidos pela evolução tecnológica ininterrupta da comunicação virtual, observamos também com ela o surgimento de possíveis problemas que, ao mesmo tempo garantem o direito fundamental à liberdade e ameaçam as instituições democráticas: a impossibilidade de controle tudo que é produzido pelos usuários das diversas plataformas de comunicação em redes digitais, leva a um risco de instrumentalização de notícias que apresentam fatos falsos ou versões falsas sobre os acontecimentos, que são modificadas ou inventadas por grupos com fins de fabricação de consenso (CHOMSKY; HERMAN, 1988).

Essas transformações materiais nas formas de acesso à informação, nos colocam diante de um novo desafio: o fenômeno das *fake news*. Em linhas gerais, as “notícias faltas” não

consistem em um tema novo na história política: as discussões que atualmente tomam o palco principal da mídia em rede como *fake news* já foram deveras estudadas por diversos teóricos, embora sob outros nomes, passando por exemplo por Carlo Ginzburg (2007), em seu clássico sobre “O fio e os rastros”, onde debate os conceitos de verdadeiro, falso e fictício, até Jacques Derrida (1996) nos seus prolegômenos sobre história de mentira. Ou seja, notícias falsas e mentiras inventadas sobre adversários políticos para convencimento do público não é um apanágio do nosso tempo.

Todavia, o diferencial que experimentamos neste contexto é a rapidez e o alcance das novas formas de comunicação: vemos como mudou o suporte e o alcance das notícias falsas por uma velocidade de progressão geométrica de propagação de informações através das redes sociais.

Interessa-nos aqui pensar como o discurso político (CHARAUDEAU, 2005), que se suporia baseado em dados, em estatísticas diversas, entre outros pressupostos mínimos de evidência, perde espaço para a autoridade do falante ou de quem põe a mensagem em circulação, independentemente de ser verdadeiro ou falso. Dizendo de outra forma, o conceito de *fake news* assume também o caráter de propaganda (MOLINA et al., 2019): não é simplesmente o ato de voluntária ou involuntariamente divulgar uma informação falsa, mas fazê-lo com o propósito de prejudicar um adversário, concebido politicamente.

Em contrapartida, esse fenômeno em massa das *fake news*, tendo em vista o primado do suporte das redes que possibilita isso, fez com que surgisse também mecanismos de verificação, de “selo de verdade”: as chamadas agências de checagem. A chancela do que é ou não “verdade” passa a cargo de agências, supostamente neutras, que seriam responsáveis por comparar, por verificar, por fazer a investigação do que é dito pelos líderes políticos e pelos perfis públicos mais influentes nas redes, para dizer se as informações que eles publicam são autorizadas ou não a circular.

A grande questão que se coloca em relação a esse “monopólio da verdade”, é o problema dos grupos que controlam essas agências, que as financiam e definem suas políticas. Esse é um problema levantado por Leonardo Fernandes (2018), sobre quem seria responsável por checar as agências de checagem, uma vez que elas também podem cometer erros.<sup>1</sup> Nisso consiste a faca de dois gumes do combate às *fake news*, que é algo iminente em países ocidentais onde se experiencia um clima de grandes incertezas, mas nos torna reféns das diretrizes das agências de checagem dos fatos. Ou seja, podemos cair num problema de censura.

A censura é uma prática que se baseia na confecção de versões sobre os fatos, quer sejam do presente ou do passado, e sempre obedece a um contexto de luta pela hegemonia política (CHOMSKY, 2003), sendo um debate que perpassa diversos séculos. Questionado em uma entrevista dada ao jornal Folha de São Paulo sobre o que fazer para combater as *fake news*, o historiador estadunidense Robert Darnton (*apud* VICTOR, 2017, *s.p.*) responde: “Que boa pergunta... Não tenho resposta. Oponho-me à censura e sou contra ideia de criar um órgão de

---

<sup>1</sup> Um caso de abuso de autoridade das agências de checagem, como aponta Fernandes (2018), foi o da visita do enviado do Papa Francisco, Juan Grabois, ao então ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva na prisão, em Curitiba, em junho de 2018. Nessa data, muitos blogs e sites de notícias que supostamente são alinhados a ideologias de esquerda no Brasil foram punidos nas redes sociais, perdendo visibilidade e mesmo sendo suspensos pelo fato de divulgarem que o Papa havia enviado, além de uma carta, também um presente a Lula por intermédio de Grabois. As agências tomaram o fato por mentira, uma vez que o site do Vaticano no Brasil não referendava o ocorrido. Todavia, dois dias depois, o próprio site oficial do Vaticano confirmava essa informação, sendo posteriormente corrigida, embora o dano causado pela punição a esses blogs e sites não fora devidamente reparado. A “correção” da notícia pode ser consultada numa nota explicativa dada pelo site do Vaticano no Brasil, disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-06/precisacao-sobre-caso-grabois-lula.html>. Acesso em: 20 de Janeiro de 2023.

censores para calar sites de *fake news*. Então como se para isso? Honestamente, não sei.” Essa é uma das dimensões do ambiente discursivo que se cria na era da pós-verdade: tanto de saber conter o avanço das notícias falsas, como também evitar que se crie mecanismos de censura, o qual certamente estará nas mãos de corporações que disputam nichos de poder.

Não é de nosso interesse aqui entrar em um debate mais aprofundado sobre maneiras de censurar conteúdo em vista das ameaças de *fake news*, ou sobre a limitação da liberdade da fala nas redes sociais. Interessa-nos ver o discurso político decorrente das *fake news*, centrado num jogo de poder onde não há como controlá-lo por meios impositivos: “Eles se baseiam em um arranjo de pirâmide e numa estratégia de redes, nas quais os idealizadores produzem conteúdo malicioso e o divulgam para ativistas locais e regionais, os quais, então, disseminam amplamente as mensagens para grupos públicos e privados” (TARDÁGUILA et al., 2018, tradução própria<sup>2</sup>). As *fake news* teriam, logo, uma força de circulação independente, feita por indivíduos espalhados que formam redes de sociabilidade.

É neste ponto, onde cruzamos o potencial de circulação das *fake news* e a impossibilidade de controle por parte de alguma autoridade instituída para tal tarefa, que entramos na chamada “era da pós-verdade” (D’ANCONA, 2018). E o clima de incerteza pela penetração de notícias falsas não se restringe apenas aos assuntos políticos, mas também ameaça a divulgação científica, que é tratada com desprezo – disso vemos o exemplo da pandemia global da COVID-19, de *fake news* criadas sobre vacinas, sobre remédios milagrosos de cura e prevenção do vírus etc.<sup>3</sup>

O conceito de pós-verdade tornou-se mais popular e objeto de atenção de pesquisas quando o Dicionário Oxford escolheu o termo “pós-verdade” como a palavra do ano em 2016. De acordo com o referido Dicionário, esse conceito é definido como algo “relacionado a circunstâncias nas quais os fatos objetivos possuem menos influência na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e a crenças pessoais.”<sup>4</sup> Isso ganhou força no contexto das eleições nos Estados Unidos, com várias suspeitas sobre os métodos de campanha do presidente Donald Trump, bem como durante o referendo britânico sobre o Brexit.

Em síntese, o saldo das *fake news* bem difundidas e a criação de um clima de pós-verdade em nosso tempo, é o espalhamento de formas discursivas que assumem caráter violento, ou, o que

---

<sup>2</sup> Citação original: “They rely on a combined pyramid and network strategy in which producers create malicious content and broadcast it to regional and local activists, who then spread the messages widely to public and private groups.”

<sup>3</sup> A organização Médicos Sem Fronteiras fez uma lista das principais *fake news* que circulam sobre a pandemia da COVID-19, disponível em: <https://www.msf.org.br/noticias/5-fake-news-relacionadas-covid-19>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>4</sup> A citação é de tradução própria. Citação original: “Relating to or denoting circumstances in which objective facts are less influential in shaping public opinion than appeals to emotion and personal belief.” A passagem original está disponível em: <https://en.oxforddictionaries.com/definition/us/post-truth>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

podemos identificar mais propriamente como discurso de ódio (WALDRON, 2010). O discurso de ódio, uma vez materializado em enunciados que circulam, expressam pensamentos e geram efeitos nocivos ao longo do tempo que podem repercutir na prática, conforme os meios de divulgação e suportes de transmissão utilizados. Quem produz discurso de ódio tem como propósito ofender, humilhar ou gerar medo no público a que dirige suas falas. É uma forma de excluí-los de algum tipo de participação e pertencimento político devido a características específicas que possuam.

Essa intersecção de uma era da pós-verdade, definida pelo uso recorrente de *fake news*, a qual abre espaço para um campo fértil de disseminação de discurso de ódio, é o que interessa como propósito de análise do presente texto: buscar compreender o papel do uso das *fake news* pelo presidente Jair Bolsonaro, bem como por seus apoiadores, durante as eleições de 2018 e durante seu governo. Se olharmos em termos gerais, o discurso do ódio produz uma desvalorização, uma discriminação excludente do outro (THWEATT, 2001). E tal tipo de discurso produz danos, atingindo grupos de pessoas de forma difusa. É um incentivo à violência contra as minorias – o que reflete, no caso do bolsonarismo, um pensamento antidemocrático e, sobretudo, uma exaltação de uma política autoritária.

Detendo-nos, pois, sobre o discurso de Bolsonaro, seus pronunciamentos intensificam o uso de *fake news*, segundo Tai Nalon (*apud* BARRAGÁN, 2018, *s.p.*), da Agência Aos Fatos, estando focados em dois tipos de argumento: “[...] colocar em dúvida, com teorias conspiratórias, a segurança do voto eletrônico no Brasil, e uma constante relação dos outros candidatos com pautas das minorias, como a agenda LGBT e o direito ao aborto”. Ademais, pela ótica da propaganda eleitoral, o domínio das redes sociais pelas *fake news* configura um real problema para repensarmos a reconfiguração política do Brasil, haja vista que neste país havia, somente em 2018, 127 milhões de usuários do aplicativo Facebook<sup>5</sup> e, segundo dados de 2019,<sup>6</sup> 130 milhões de usuários do WhatsApp.

É importante que se retenha esses dados, uma vez que implicam em mais de 60% da população brasileira imersa nessas duas maiores redes sociais. Ainda, segundo pesquisa realizada em 2019<sup>7</sup> pelo próprio poder público brasileiro, por meio de uma parceria entre o DataSenado com

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-05/usuarios-de-smartphone-devem-atualizar-whatsapp-orienta-empresa>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/institucional/datasenado/publicacaodatasenado?id=mais-de-80-dos-brasileiros-acreditam-que-redes-sociais-influenciam-muito-a-opiniao-das-pessoas>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

as ouvidorias da Câmara dos Deputados, 79% da população utiliza o WhatsApp como principal fonte de informações.

Uma vez traçado esse panorama conceitual do papel da *fake news* nas redes sociais e da potencial relação dessas com o fomento de um discurso de ódio, buscamos entender como é possível ver no discurso de Bolsonaro e de seus apoiadores, com exemplos de antes e durante seu governo, elementos de discurso de ódio que impulsionam um radicalismo na sociedade brasileira pelo uso constante de notícias falsas. Não é do nosso intuito, no presente texto, entrar no tema mais amplo das razões que levam as pessoas a acreditarem nas *fake news* e defendê-las como verdade, o que poderia adentrar em tópicos como “dissonância cognitiva” (DUNKER, 2019) ou outros aspectos ligados aos estudos de psicologia das massas.

## Um olhar sobre as *fake news* contadas pelo bolsonarismo

O primeiro caso que analisaremos aqui é o que ficou conhecido no Brasil como “kit gay”. Essa foi uma questão que ganhou destaque importante durante as eleições brasileiras de 2018, pois reside no campo dos debates morais, na definição dos valores familiares cristãos e em dois supostos “riscos” apresentados à educação dos filhos com o avanço das discussões sobre educação e sexualidade nas escolas. Em entrevista concedida no dia 28 de agosto de 2018 ao Jornal Nacional da Rede Globo, Bolsonaro afirmou:

Estavam discutindo ali, comemorando o lançamento de um material para combater a homofobia, que passou a ser conhecido como kit gay. Entre esse material estava esse livro lá. Então, o pai que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala, para ele não ver isso aqui. Se bem que na biblioteca das escolas públicas tem.<sup>8</sup>

De acordo com Bolsonaro, o “kit gay” seria destinado a crianças a partir dos 6 anos de idade e seria distribuído nas escolas. Quando o candidato pelo Partido dos Trabalhadores (PT) Fernando Haddad era Ministro da Educação, ele propôs um projeto chamado “Escola Sem Homofobia”, onde se apresentava uma proposta para ensinar professores e alunos a lidar com a diversidade de gênero, para combater o *bullying* com alunos LGBTQIA+ nas escolas. Este projeto não foi sequer implementado, pois existe no Brasil a chamada Frente Parlamentar Evangélica, que pressionou a presidente da época, Dilma Rousseff, para que não fosse aprovado.<sup>9</sup> Mas, mesmo

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207\\_054097.html?rel=mas](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html?rel=mas). Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/e-falso-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

assim, Bolsonaro insistiu nessa imagem que nomeava o projeto como "kit gay", que era um material para doutrinar as crianças a “se tornarem gays”.

O livro que Bolsonaro menciona e leva ao Jornal Nacional é “Aparelho Sexual e Cia” (*Le Guide du Zizi Sexuel*, no original em francês), da francesa Hélène Bruller (BRULLER, 2018) e do suíço Philippe Chappuis. Esse livro, ainda que Bolsonaro afirma fazer parte do suposto kit gay, sequer constava no projeto original de Haddad e podia ser encontrado apenas em algumas bibliotecas públicas, não em escolas. É importante nos determos aqui, pois se trata de uma notícia falsa divulgada por Bolsonaro que vai atacar justamente os pontos da tradicional família cristã, onde as crianças são ameaçadas pela “ideologia de gênero”, pela influência dos kits nas escolas que possivelmente as tornariam homossexuais. Ou seja, temos nessa mentira contada em uma entrevista do então candidato à presidência, o apelo a um tipo de degeneração dos costumes e do ideal do homem na sociedade para os seguidores do bolsonarismo.

Ainda contra o adversário de Bolsonaro à presidência, Fernando Haddad, circulou outra notícia falsa de alto impacto: Haddad defenderia o incesto e o comunismo em um de seus livros. Segundo essa notícia falsa, Haddad, em seu livro “Em Defesa do Socialismo”, defenderia a implantação do comunismo no Brasil e a legalização da pedofilia - haveria um projeto para fazer sexo com crianças a partir dos 12 anos. Foi uma notícia amplamente divulgada por seus apoiadores, encabeçada pelos seguidores do filósofo Olavo de Carvalho.<sup>10</sup>

A imagem que circulou com essa *fake news* foi a seguinte:

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/13/e-fake-cartaz-atribuido-a-haddad-que-diz-que-projeto-de-lei-torna-a-pedofilia-um-ato-legal.ghtml>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

Figura 1: Acusação de Fernando Haddad como incitador da pedofilia.



Fonte: (<https://www.e-farsas.com/pl-236-2012-de-fernando-haddad-torna-a-pedofilia-um-ato-legal.html> - acesso em: 20, janeiro, 2023).

O exemplo acima se utiliza da menção do PL 236/2012, referente ao novo Código Penal, que não tem qualquer relação com o sentido da imagem, já que se trata de projeto de leis em geral a serem implementadas no Brasil com uma reforma de seu regime penal. Mas utiliza-se desse número para identificar um suposto projeto Haddad de legalização da pedofilia. É a estratégia política desse tipo de *fake news*, que lança mão de recursos que conferem uma aparente comprovação do que é dito, que é o caso de usar números de leis.

Em outras palavras, isso mostra uma característica operacional das *fake news*: suas emissoras tentam garantir elementos de veracidade em seu discurso, utilizando recursos como números estatísticos ou leis. A menção de "poste" é para o candidato Haddad, que havia sido indicado pelo ex-presidente Lula como seu sucessor. No Brasil, "poste" é a expressão que designa um "substituto", não legitimamente por seus méritos, mas pela indicação de outro mais forte e tributário; com isso, o argumento daquela notícia falsa ao nomear Haddad como poste é justificado, segundo as ideias da base bolsonarista, pelo candidato original do PT, Lula, ser preso e nomear quem faria tudo o que ele mandasse.

Essa questão da pedofilia reapareceu na boca de Bolsonaro como presidente, quando ele disse em 14 de julho de 2020: "Enquanto a esquerda busca meios de descriminalizar a pedofilia, transformando-a em uma mera doença ou opção sexual, apresentei um PL que aumenta em 50%



a pena para esses crimes.”<sup>11</sup> Vemos aqui como se cria uma imagem daqueles que se vinculam a correntes políticas caracterizadas como de “esquerda”, como defensores das formas da descriminalização da pedofilia. Em contrapartida, Bolsonaro ocuparia uma posição antípoda a tudo isso, trabalhando em seu mandato de deputado para combater mais fortemente aquele crime, com aumento da pena para os pedófilos.

Por causa dessa afirmação, não vemos propriamente um falseamento por parte de Bolsonaro em relação à sua atitude no Congresso, com sua proposta de combate à pedofilia. No entanto, nos interessa ver como o problema da pedofilia volta a ser trazido à tona, associando-se a ela os partidos ditos de esquerda, que teriam se preocupado em descriminalizá-la e ligá-la a questões de saúde ou opções sexuais. Para a presente análise, esse tipo de *fake news* reafirma o sentido discursivo de uma propagação do ódio, de identificação das ideologias de esquerda com grupos criminosos que querem destruir os valores mais básicos da integridade das crianças, por exemplo, incentivando a pedofilia.

É justamente nesse campo de criação de um discurso de ódio contra seus adversários políticos etiquetados de “esquerdistas”, que circula grande parte das notícias falsas do bolsonarismo. Em seu discurso na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas em 2019, Bolsonaro disse o seguinte:

Meu país esteve muito próximo do socialismo, o que nos colocou numa situação de corrupção generalizada, grave recessão econômica, altas taxas de criminalidade e de ataques ininterruptos aos valores familiares e religiosos que formam nossas tradições.<sup>12</sup>

Nesse pronunciamento de Bolsonaro, em plena Assembleia Geral da ONU, emerge a figura do "socialismo", associada à ideia de corrupção e ao aumento dos índices de criminalidade. Para Bolsonaro, e isso já havia ganhado muita força ao longo de sua campanha, os governos do Partido dos Trabalhadores que o precederam, tinham a intenção de instaurar o socialismo no Brasil e, conseqüentemente, para o imaginário dos apoiadores de Bolsonaro, a degeneração dos costumes tradicionais. Tudo isso a partir de uma formação identitária do bolsonarismo, que se faz pela criação de um conjunto simbólico de denúncia à ideologia socialista que supostamente dominava o Brasil, o que justificaria qualquer meio de combatê-la. Como núcleo da propaganda política do discurso bolsonarista, o socialismo teria se apoderado das universidades e escolas brasileiras, depravando a vida moral da boa sociedade e trazendo inevitavelmente corrupção e aumento da criminalidade.

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1283102877540659202>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>12</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-assembleia-geral-da-onu>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

Essas são afirmações falsas, já que nenhum partido socialista governou o Brasil em sua história. Bolsonaro tenta vincular os governos do PT ao socialismo, como responsáveis inclusive por crises econômicas e pela ameaça aos valores cristãos. Os governos do PT, por outro lado, garantiram determinada estabilidade e até crescimento econômico durante a maior parte dos anos de sua gestão.<sup>13</sup> Além disso, mantiveram os privilégios fiscais e jurídicos das igrejas, sem interferir na vida religiosa, nem mesmo contribuindo para a consolidação de um estado laico no Brasil. Cabe ainda ressaltar que o Partido Republicano (hoje chamado de Republicanos), que tem sua fundação ligada diretamente a membros da Igreja Universal (uma das denominações evangélicas neopentecostais mais fortes e influentes do Brasil atualmente), foi um aliado do PT desde o seu primeiro mandato até a sua posse, o que, somando-se a isso outras alianças do PT com parlamentares cristãos, prova que não houve perseguição ou plano de “ataques à família e aos valores religiosos que formam as nossas tradições”, como defende Bolsonaro. Ainda na mesma reunião da Assembleia Geral da ONU em 2019, Bolsonaro espalhou outra mentira:

A ideologia invadiu nossos lares para investir contra a célula *mater* de qualquer sociedade saudável, a família. Tentam ainda destruir a inocência de nossas crianças, pervertendo até mesmo sua identidade mais básica e elementar, a biológica. A ideologia invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus e a dignidade com que Ele nos revestiu.<sup>14</sup>

Aqui novamente temos um contraponto ao socialismo, que se identifica pelo conceito de "ideologia", implicitamente na referência aos partidos taxados de esquerda pelo bolsonarismo, os quais estariam "pervertendo" as crianças em sua "forma biológica" - que retoma a relação com o termo *kit gay*. Estas são bandeiras de campanha do Bolsonaro que tiveram sucesso e encontraram grande apoio das camadas conservadoras da sociedade. Com base nessas *fake news* está o preconceito contra a comunidade LGBTQIA+. É uma bandeira do bolsonarismo que ensina o apoio aos evangélicos e cristãos conservadores, com exaltação dos valores familiares patriarcais, mostrando-se "sem ideologia" e, mais diretamente, uma preocupação em combater a "ideologia" que afastaria Deus da alma humana.

Temos aqui outro exemplo típico de formação de discurso de ódio contra as ideias socialistas através de uma rede de mentiras políticas, já que se concebe a ideologia socialista como responsável por atacar a noção cristã mais fundamental, a crença em Deus, ameaçando as crianças com doutrinação. É uma forma de vincular uma “imagem inimiga” para tudo o que se relaciona

---

<sup>13</sup>Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160505\\_legado\\_pt\\_ru](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/05/160505_legado_pt_ru). Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2019-09/presidente-jair-bolsonaro-discursa-na-assembleia-geral-da-onu>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

com o espectro ideológico da esquerda, ao mesmo tempo que se coloca, por oposição retórica, isento de ideologia.

Este simbolismo do socialismo e sua oposição aos valores da família cristã foi representado em uma figura falsa que muito circulou durante as eleições de 2018 entre a base do bolsonarismo, sobre a candidata a vice-presidente de Fernando Haddad, Manuela D'Ávila. Confira a imagem:

**Figura 2: fake news sobre a aparência de Manuela D'Ávila.**



Fonte: (<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/09/30/verificamos-manuela-davila-tatuagens-che-guevara-lenin/> – acesso em: 20, janeiro, 2022).

Costuma-se falar de Manuela D'Ávila, entre os apoiadores do bolsonarismo, como “Maconhela”, num jogo de palavras com o nome “Manuela” e os usuários de “maconha”. É uma forma de associar o uso de drogas àquela candidata. Além disso, na imagem da esquerda da Figura 2, são inseridos um conjunto de tatuagens falsas de Che Guevara e Lenin no corpo de Manuela, para reforçar o imaginário da ideologia do socialismo. À direita evocam, como contradição, a ideia de uma vida familiar cristã para as mulheres, com os termos “recatada” e “do lar”.

Cria-se assim, em determinado momento, a imagem de uma pessoa viciada em drogas, que no estereótipo dos conservadores são bandidos. Em seguida, comparam esse estereótipo com a foto da campanha eleitoral, com outro apelo de imagem: a roupa branca no imaginário popular que indica limpeza, moralidade. Ou seja, com esta imagem editada, criam um juízo moral sobre a “real” Manuela, uma “comunista drogada” para os conservadores, em contraponto à sua imagem de candidata, que apareceria como mulher de família, também segundo o imaginário conservador.

Além do universo de mentiras criadas sobre seus adversários, Bolsonaro também produz depoimentos que aparecem em outros campos, como os incêndios na Floresta Amazônica. Em outubro de 2020, em cerimônia de formatura de diplomatas, no Palácio das Relações Exteriores do Brasil, Bolsonaro disse:

Estamos ultimando uma viagem Manaus-Boa Vista, onde convidaremos diplomatas de outros países para mostrar naquela curta viagem de uma hora e meia, que não verão em nossa floresta amazônica nada queimando ou sequer um hectare de selva devastada.<sup>15</sup>

Nem é preciso adentrarmos aqui nos fatos constatados sobre os incêndios, pois há muitas provas de pesquisas feitas por institutos de pesquisa no Brasil e no exterior, com imagens de satélite, onde se vê o avanço acelerado dos focos de incêndio na Amazônia.<sup>16</sup> Esse tipo de notícia falsa criada por Bolsonaro justifica um discurso de negação da destruição de terras de preservação no Brasil, que favorece os grandes latifundiários dessas regiões queimadas com novas possibilidades de plantio de soja e criação de gado.<sup>17</sup>

Outro campo frequentemente atacado pelas mentiras de Bolsonaro e seus aliados, é o processo eleitoral no Brasil; apontando uma suposta fragilidade do sistema, passível de fraude - para, certamente, poder contestar possíveis resultados indesejados. Bolsonaro disse em junho de 2019: “[...] nosso sistema eletrônico é completamente frágil e fraudável.”<sup>18</sup> Essa é uma forma de *fake news* que circula amplamente no discurso bolsonarista até os dias atuais, onde se cria uma disputa por reimplantar o voto impresso no Brasil como forma de garantir eleições mais justas, o que contribui para a criação da narrativa de que os partidos de esquerda controlam as eleições. Nunca houve fraude comprovada desde 1996, quando as primeiras urnas eletrônicas foram implantadas no Brasil. Nos locais de votação não existe ligação à internet e os resultados individuais ficam à disposição para consulta nos tribunais eleitorais durante seis meses.<sup>19</sup>

---

<sup>15</sup> Disponível em: <https://catracalivre.com.br/cidadania/bolsonaro-comete-fake-news-sobre-a-amazonia-mais-uma-vez/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>16</sup> Um dos institutos que investigam incêndios e produzem muitos dados informativos sobre a situação da Amazônia é o IPAM. Disponível em: <https://ipam.org.br/queimadas-na-amazonia-afetam-a-saude-de-milhares-de-pessoas/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>17</sup> Por exemplo, este tema é muito bem explicado, entre outros institutos de pesquisa, pelo Conselho Indígena Missionário. Disponível em: <https://cimi.org.br/2020/10/agro-e-fogo-queimadas-criminosas/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2019/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-durante-encontro-com-empresarios>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>19</sup> Há até evidências ditas pelo presidente do Tribunal Eleitoral do Brasil sobre a imunidade do sistema de votação brasileiro. Cf.: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/barroso-diz-que-sistema-e-imune-a-fraudes-mas-nao-controla-imaginario/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

## Bolsonaro e a pandemia

Analisaremos aqui, os desdobramentos materiais das *fake news* por meio de alguns enunciados exemplares que circularam amplamente desde o início da pandemia da COVID-19 ditos pelo Presidente Jair Bolsonaro, divisando compreender os possíveis impactos dessas declarações junto à parcela da população que coaduna com o discurso bolsonarista e, acima de tudo, sobre os que sofreram as consequências das ações e omissões do governo federal em torno de um genocídio que se instalou no Brasil com a escalada da pandemia.

Entendemos que alguns eixos centrais das *fake news* bolsonaristas durante a pandemia são o negacionismo, o tratamento precoce, o uso de estatísticas e comparações numéricas, além das polêmicas em torno do pseudodilema “economia *versus* saúde” que se refletiu na relação do Poder Executivo Federal com as demais unidades da federação e com o Supremo Tribunal Federal.

O negacionismo bolsonarista foi marcado pela subestimação do potencial da COVID-19, associando-a ao que ficou conhecido como “gripezinha”. Como exemplo, somente em março de 2020 Bolsonaro disse pelo menos quatro vezes que a COVID-19 era uma gripe comum, ou uma doença de menor potencial, principalmente para quem era esportista ou atleta: “... caso fosse contaminado pelo vírus, [eu] não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito acometido de uma gripezinha ou resfriadinho...”<sup>20</sup>

Não bastasse esse claro exemplo de negacionismo expressado por Bolsonaro com essa sentença que circulou amplamente nas mídias tradicionais e redes sociais, é importante notar que o próprio Bolsonaro negou a evidência da sua fala em momentos posteriores: “Quero ver a mídia postar um áudio ou vídeo meu falando que era gripezinha. Eu dizia que para mim era uma gripezinha. Para mim. Pelo meu passado de atleta.”<sup>21</sup> Ou seja, Bolsonaro não apenas difundiu por muito tempo a *fake news* de que a COVID-19 era uma doença de menor importância, mas negou suas próprias falas, alegando uma distorção de seu conteúdo, de que a pandemia afetaria mais as pessoas que não tivessem uma determinada condição física, como atletas. Vemos nisso uma maneira do bolsonarismo de usar *fake news* novas para se defender de *fake news* antigas, mantendo a posição de que pessoas que gozassem de boa saúde não teriam de se preocupar caso infectadas.

Esse negacionismo revela, antes de mais nada, que o contexto da pandemia no Brasil enfrentaria diferentes posições discursivas desde o início. Outro eixo das *fake news* bolsonaristas

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/6193/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

durante a pandemia, consiste em comparações numéricas: os dados garantiriam veracidade. São comparações que trabalham com números e isso tende a dar uma roupagem discursiva de confrontamentos científicos à fala.

Trazemos aqui dois enunciados exemplares ditos por Bolsonaro: “E é o país [Argentina] que mais tem fechado no mundo e é o país com maior número de mortes por milhão de habitantes”<sup>22</sup>; “Se você pegar o número de mortes de janeiro a setembro do ano passado e janeiro a setembro desse ano (...), se bobear tá parecido.”<sup>23</sup> Sobre o primeiro enunciado, os dados a seguir podem ser comprovados pela mesma fonte citada como referência: aos 27 de maio de 2021, quando Bolsonaro disse essa *fake news*, a Argentina era o oitavo país na lista global em termos de fechamento, ou de confinamento, ao passo que ocupava a vigésima terceira posição em relação às mortes por milhão de habitantes. Ou seja, Bolsonaro se usa de números que, embora não correspondendo em nada à realidade, potencializam a intenção de verdade do seu enunciado, qual seja, de desacreditar as medidas de confinamento e lockdown.

O mesmo ocorre com o segundo enunciado, em que ele busca mostrar que o número de mortes entre um ano e outro se mantém praticamente igual, o que não corresponde à realidade: os períodos que ele compara, de janeiro a setembro de 2019 e janeiro a setembro de 2020, apresentam uma diferença considerável em número de óbitos, saltando de 956.289 para 1.083.373; ou seja, mais de 100 mil pessoas morreram na comparação entre um ano e outro, o que indica grave impacto da pandemia da COVID-19 nessa estatística – cabe lembrar aqui que o período mais mortal da pandemia no Brasil seria em princípios de 2021.

Essa opção por usar dados, por lançar mão de hipotéticas estatísticas para comparação, é uma técnica que garante uma aparência de verdade ao discurso. O mesmo equivale a citar a Organização Mundial da Saúde - OMS ou conceitos que são caracterizados como “científicos”, como instituições para dar legitimidade à fala. Trazemos aqui três exemplos que ilustram bem como Bolsonaro se usou dessa técnica discursiva: “Não existe comprovação científica de lockdown, não existe.”<sup>24</sup>; “E essa máscara é pouco eficaz [no combate à Covid-19]”<sup>25</sup>; “Agora a OMS conclui que

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/6453/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>23</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/12/30/informacoes-falsas-bolsonaro-covid-19/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/discursos/2021/discurso-do-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-na-cerimonia-de-entrega-de-titulos-de-propriedade-rural-no-estado-do-mato-grosso-do-sul>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/12/30/informacoes-falsas-bolsonaro-covid-19/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

pacientes assintomáticos (a grande maioria) não têm potencial de infectar outras pessoas.”<sup>26</sup> No primeiro caso vemos uma possível justificativa para o fato de o Brasil não ter optado por um confinamento em nível federal, como na maioria dos países que adotaram formas de lockdown baseado em decisões das autoridades sanitárias; o discurso do governo de Bolsonaro para combater a pandemia marchou no sentido contrário: não buscando mobilizar uma equipe médico-sanitária alinhada às diretrizes globais, mas sim aparelhando o Estado para que mantivesse a sua diretriz de deixar o país aberto, com o argumento de garantir a liberdade econômica.

Nesse sentido, não houve registros durante a pandemia de políticas de lockdown no Brasil partindo da esfera máxima de governo, cabendo aos estados e municípios a decisão particular de decretar quarentena e criar normas de confinamento. Isso se reflete em diversas ocasiões em que Bolsonaro produz *fake news* sobre as atribuições do Executivo Federal. As mesmas notícias falsas sobre a estrutura dos poderes do Estado e as obrigações públicas durante a pandemia, circulou muitas vezes, ditas por Bolsonaro e seu governo:

Tá na tela aqui na frente a decisão de um ministro do Supremo Tribunal Federal. Tem até um lado positivo – a gente vai recorrer, mas tem um lado positivo. Dizendo claramente que quem é o responsável por ações como imposição de ações como distanciamento e isolamento social, quarentena, suspensão de atividades – você que está sem trabalhar, né – bem como aulas, restrições de comércio, atividades culturais, e a circulação de pessoas. Quem decide isso é o respectivo governador ou prefeito.<sup>27</sup>

Esta passagem foi repetida, em diferentes contextos e com outras formas, mais de 50 vezes por Bolsonaro desde abril de 2020, conforme contabiliza a agência de checagem Aos Fatos.<sup>28</sup> É uma notícia falsa porque distorce a Constituição Brasileira, no que diz respeito às obrigações do Estado e dos entes federativos: quem pode ordenar qualquer tipo de bloqueio é justamente o Poder Executivo Federal, com proibição de circulação etc. Entretanto Bolsonaro usa essa desculpa para tentar fugir das responsabilidades da pandemia, transferindo-a para seus oponentes nos governos estaduais ou municipais.

Bolsonaro cria uma disputa de narrativas com o STF em torno das obrigações legais do Estado, alegando que a responsabilidade de planejar e executar medidas restritivas ficaria a cargo dos municípios e estados. Bolsonaro tenta, com isso, criar dificuldades para que o Estado tome

---

<sup>26</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/06/09/verificamos-oms-assintomaticos-covid/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>27</sup> Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-diz-que-vai-recorrer-de-decisao-que-deixa-estados-e-municipios-decidirem-sobre-isolamento,70003266607>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

ações diretas em diversos setores da economia, não simplesmente retirando de si as responsabilidades, mas, sobretudo, direcionando a culpa das medidas de lockdown e impedimento de circulação de pessoas aos governadores e prefeitos, o que teria repercussão na opinião pública.

Como essa mesma *fake news* foi sustentada por Bolsonaro inúmeras vezes durante a pandemia, fomentou-se uma discussão que produziu oposição entre os partidários da abertura dos comércios e os partidários das restrições. Bolsonaro teria promovido, com isso, um verdadeiro negacionismo do potencial do coronavírus, defendendo a todo momento que não seria racional usar um vírus para paralisar as atividades econômicas do país.

Uma forma de tentar solucionar o problema do evidente crescimento dos casos de contaminação por coronavírus e justificar a tese de manter as atividades econômicas em ritmo normal, foi encontrar um tratamento para a COVID-19. Com isso, as *fake news* que se valiam de roupagens científicas para falar da ineficácia do lockdown e da quarentena, se estabelecem também no campo das prevenções da COVID-19 ou de melhores tratamentos para quem estivesse infectado, divulgando-se a ideia de curas milagrosas para os infectados pelo coronavírus.

Nesse contexto, trazemos três enunciados que resumem em grande parte as *fake news* de Bolsonaro sobre esse tema: “Cada vez mais o uso da Cloroquina se apresenta como algo eficaz”<sup>29</sup>; “[A hidroxicloroquina] não tem efeito colateral”<sup>30</sup>; “Ah, não tem comprovação científica [de eficácia da hidroxicloroquina]. Mas não tem cientificamente dizendo o contrário, também”<sup>31</sup>. Depois de muitos meses de transcurso da pandemia no Brasil e de lutas políticas constantes, como a criação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito<sup>32</sup> e de ativismo de intelectuais com formação em ciências biológicas, foi possível estabelecer que o incentivo a tratamentos precoces da doença COVID-19 ia contra as normas médicas, uma vez que não haveria qualquer comprovação científica de eficácia de medicamentos como hidroxicloroquina e cloroquina. De fato, o uso desses medicamentos sem necessidade médica poderia levar ao desenvolvimento de outras doenças e futuras complicações de quadro médico de pacientes.

O aumento acentuado do número de contaminações e de mortos pela COVID-19 tornou o Brasil o epicentro da pandemia em 2021, chegando a registrar a morte de mais de 650 mil

---

<sup>29</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/sem-apresentar-estudos-bolsonaro-diz-que-cada-vez-mais-uso-da-cloroquina-se-apresenta-como-algo-eficaz-24358739>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/12/30/informacoes-falsas-bolsonaro-covid-19/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro/6264/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>32</sup> Toda a documentação final gerada pela Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a pandemia da COVID-19 pode ser consultada em: <https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2441>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.



pessoas<sup>33</sup>. Isso se passou em razão da inércia, ou ausência de medidas para combater o avanço do vírus, do governo Bolsonaro, o que demonstra um Estado aparelhado para interesses escusos e uma constante campanha populista contra seus adversários políticos, como governadores e prefeitos, durante a crise pandêmica.

## Aproximações finais

O propósito do presente artigo foi levantar alguns casos exemplares de como o bolsonarismo no Brasil se constrói discursivamente por meio do uso de notícias falsas, que se dividem em constantes ataques a seus oponentes políticos, bem como a fatos distorcidos sobre a Floresta Amazônica, sobre eleições e principalmente sobre temas sanitários durante a pandemia da COVID-19.

Como aponta a agência Aos Fatos em 30 de dezembro de 2022: “Em 1.459 dias como presidente, Bolsonaro deu 6.685 declarações falsas ou distorcidas.”<sup>34</sup> Isso mostra uma atmosfera de circulação de informação totalmente inebriada na pós-verdade, uma vez que Bolsonaro não se importa se o que fala é real ou distorção dos fatos, mas somente busca o apoio de um público, de sua base, que o aceita. Tentamos ilustrar como seu discurso político se torna uma verdadeira propaganda de ataque, de luta contra o socialismo e os ambientalistas internacionais; e uma busca pela valorização da família patriarcal e da moral cristã conservadora, que exalta o preconceito contra os LGBTQIA+, por não se conformarem com um padrão reacionário do cristianismo.

Procuramos discutir também que, devido à produção constante de declarações falsas e propaganda difamatória de seus críticos, os elementos subjacentes ao discurso político de Jair Bolsonaro parecem produzir discurso de ódio. Ou seja, como se constrói o discurso de Bolsonaro em oposição a dois fantasmas: o socialismo e a depravação moral, identificando os pontos onde escolhe seus inimigos, onde se fundam as bases de um discurso autoritário e ao mesmo tempo desrespeitoso, de desprezo pelas instituições.

O Brasil na era do bolsonarismo vive um momento de pós-verdade, no sentido de que não há facticidade, ou, dizendo outro modo, mesmo não havendo comprovação do que Jair Bolsonaro diz, isso não diminui seu poder com sua base política em geral, mantendo uma alta taxa de aprovação do seu governo e das suas propostas, como atesta o resultado final das eleições

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.worldometers.info/coronavirus/country/brazil/>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

<sup>34</sup> Disponível em: <https://www.aosfatos.org/todas-as-declara%C3%A7%C3%B5es-de-bolsonaro>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

presidenciais de 2022, onde o ex-presidente obteve mais de 58 milhões de votos (49,1% dos votos válidos no segundo turno).<sup>35</sup>

Pretendemos aqui contribuir com algumas questões que nos ajudariam a olhar criticamente para o fato de que um político como Jair Bolsonaro alcançou a posição de poder mais importante de uma república e ainda se mantém com um considerável apoio da população brasileira. Seu discurso de ódio, usando-se ou não de notícias falsas, cria uma ameaça aos valores democráticos, às garantias constitucionais, à integridade de alguns grupos e, em última instância, leva a uma escalada de um tradicionalismo radical no palco dos debates políticos. Refletir sobre o significado político das *fake news* nos leva a questionar quais são as reais consequências de informações falsas como essas, espalhadas durante uma pandemia, por uma autoridade, como um presidente da república.

Com os breves exemplos que trouxemos aqui intentamos, sobretudo, lançar questionamentos sobre como o bolsonarismo no Brasil é construído discursivamente por meio do uso constante de *fake news*, com suas consequências para a população, principalmente em um momento pandêmico, majoritariamente às pessoas pobres que não têm condições de pagar por privilégios sanitários em um país tomado pela lógica neoliberal.

Nesse sentido, a pós-verdade prova o triunfo das crenças pessoais em contraposição à realidade dos fatos. Não conhecemos as possíveis consequências de uma sociedade digital, atravessada por redes sociais a partir das quais o alcance da notícia não pode ser previsto. Ademais, existem fortes disputas discursivas e verbais entre os poderes legislativo, executivo e judiciário, com ameaças mútuas entre eles, tornando o Brasil hoje uma democracia instável – e essas disputas se recrudesceram com o governo Bolsonaro.

Em suma, a eleição de Bolsonaro em 2018 e sua manutenção como importante símbolo no cenário político brasileiro são um reflexo da ascensão do discurso de ódio e de exaltação de práticas autoritárias no cenário global atual, no qual o Brasil seria um epicentro, em que a pós-verdade é uma das condições contextuais para que líderes de extrema direita permaneçam no poder, sustentando um discurso de perseguição a minorias e a partidos opositores que respeitam o Estado Democrático de Direito.

---

<sup>35</sup> Disponível em: <https://resultados.tse.jus.br/oficial/app/index.html#/eleicao/resultados>. Acesso em: 20, janeiro, 2023.

## Referências bibliográficas:

BARRAGÁN, Almudena. Cinco “fake news” que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro. *El País*, 2018. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547\\_146583.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html). Acesso em: 20, janeiro, 2023.

BRULLER, Hélène. *Aparelho Sexual e Cia*. São Paulo: Seguinte, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. *Le discours politique*. Les masques du pouvoir. Paris: Vuibert, 2005.

CHOMSKY, Noam; HERMAN, Edward. *Manufacturing Consent: The Political Economy of the Mass Media*. New York: Pantheon Books, 1988.

CHOMSKY, Noam. *Hegemony or Survival: America’s Quest for Global Dominance*. New York: Metropolitan Books, 2003.

D’ANCONA, Matthew. *Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news*, trad. de Carlos Szlak. Barueri, Faro Editorial, 2018.

DERRIDA, Jacques. *História da mentira*: prolegômenos. In: Estudos Avançados, 10(27), 1996. p. 7-39. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8934>. Acesso em: 23, setembro, 2022.

DUNKER, Christian. *Psicologia das massas digitais e a análise do sujeito democrático*. Diversos Autores. A democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil Hoje. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

FERNANDES, Leonardo (2018). E quem checa as agências de checagem de notícias falsas? *Brasil de Fato*: 15 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/06/15/e-quem-checa-as-agencias-de-checagem-de-noticias-falsas/>. Acesso em: 23, setembro, 2022.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007)

JACK, Caroline. Lexicon of lies: Terms for problematic information. *Data & Society Research Institute*: Data & Society Publication, 2017. Disponível em: [https://datasociety.net/pubs/oh/DataAndSociety\\_LexiconofLies.pdf](https://datasociety.net/pubs/oh/DataAndSociety_LexiconofLies.pdf). Acesso em: 23, setembro, 2022.

MOLINA, Maria D.; SUNDAR, Shyam; LE, Thai y LEE, Dongwon (2019). “Fake news” Is Not Simply False Information: A Concept Explication and Taxonomy of Online Content. October 2019: *American Behavioral Scientist*, v. 65, 2: pp. 180-212. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0002764219878224>. Acesso em: 23, setembro, 2022.

TARDÁGUILA, Cristina; BENEVUTO, Fabrício; ORTELLADO, Pablo (2018). Fake news Is Poisoning Brazilian Politics. WhatsApp Can Stop It. *The New York Times*, United States, NY, 17 out. 2018. Opinion. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2018/10/17/opinion/brazil-election-fake-news-whatsapp.html>. Acesso em: 23, setembro, 2022.

THWEATT, Elizabeth (2001). *Bibliography of hate studies materials*. Disponível em: [guweb2.gonzaga.edu/againsthate/thweatt.pdf](http://guweb2.gonzaga.edu/againsthate/thweatt.pdf). Acesso em: 23, setembro, 2022.

VICTOR, Fabio. Notícias falsas existem desde o século 6, afirma historiador Robert Darnton. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 de fev. de 2017. Disponível em:

Entre *fake news* e discurso de ódio...

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859726-noticias-falsas-existem-desde-o-seculo-6-afirma-historiador-robert-darnton.shtml>. Acesso em: 23, setembro, 2022.

WALDRON, Jeremy. Dignity and defamation: the visibility of hate. *Harvard Law Review*, v. 123, n. 1.596, 2010. p. 1.597-1.657.

Recebido em: 28.09.2022

Aprovado em: 19.01.2023